



## USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Veículo: O Globo

Data: 23/03/2018

Caderno/Link: <https://oglobo.globo.com/brasil/agricultura-avanca-no-pais-pagando-pouco-pela-agua-que-usa-22517986>

Assunto: Agricultura avança no país pagando pouco pela água que usa

---

### Agricultura avança no país pagando pouco pela água que usa

RIO e BARREIRAS (BAHIA) - Celeiro do mundo, o Brasil avança na agricultura sem que os produtores paguem pela água que consomem. A cobrança pelos recursos hídricos diretamente captados de rios e aquíferos ainda é pouco disseminada no país e é apontada por especialistas como um estímulo ao uso racional desse bem tão valioso. O Brasil tem quase 7 milhões de hectares de terras irrigadas, área que cresce 4% ao ano segundo dados da Agência Nacional de Águas (ANA), ritmo muito superior ao do crescimento econômico. Tamanho avanço faz do setor agrícola uma verdadeira draga: 67,2% do consumo médio nacional de água vão para a irrigação.

**LEIA MAIS:** 'Caixa d'água' do Brasil, Cerrado encolhe 43%

Para especialista em Cerrado, estágio de degradação do bioma é irreversível

Na conta da ANA, é considerada toda a água retirada de rios e aquíferos menos o volume que é devolvido às bacias hidrográficas. No caso da irrigação, perde-se muita água pela evaporação. O setor industrial, por exemplo, também capta bastante água, mas muitas indústrias já vêm conseguindo reutilizar o recurso ou elevar o índice de retorno à natureza. O segmento responde por 9,5% do consumo médio nacional, atrás do abastecimento animal (11,1%). O abastecimento urbano vem em seguida, com 8,8% do total.

A cobrança pela chamada água bruta é praticamente inexistente para todos esses segmentos. Essa possibilidade está prevista na Lei das Águas, de 1997. Mas 20 anos após sua promulgação, apenas 57 comitês de bacias hidrográficas - seis interestaduais e 51 estaduais - cobram pelo recurso, entre eles os da Bacia do Paraíba do Sul e do São Francisco. Há mais de 200 comitês de bacias no país e um número ainda maior de bacias que sequer dispõem desses órgãos de gestão, dos quais participam representantes de governos e da sociedade civil.

Além do ritmo lento da implementação dos comitês, o valor cobrado pela água é muito baixo: de R\$ 0,01 a R\$ 0,02 por mil litros, em média, segundo a ANA. E ainda assim há calote. Em 2016, foram cobrados R\$ 386,6 milhões dos usuários das bacias onde a cobrança é permitida, mas 10% desse valor não chegaram aos comitês.

- A cobrança deveria seguir parâmetros técnicos, partindo do volume de investimentos que uma determinada bacia precisa. Mas, no fim das contas, torna-se fruto de uma negociação entre os pagadores, que têm representação nos comitês - diz Giordano Carvalho, coordenador de Sustentabilidade Financeira e Cobrança da ANA



O potencial de crescimento da agricultura no Brasil é grande. O país está entre as dez nações do mundo com maior área de irrigação, mas ainda bem distante dos líderes mundiais China e Índia, com cerca de 70 milhões de hectares cada. Por isso, dizem especialistas, se a cobrança pela chamada água bruta não avançar, é importante investir em tecnologias que racionalizem seu uso.

A expansão do cultivo de grãos no Brasil será acelerada na região batizada de Matopiba, sigla formada pelas iniciais dos estados de Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, criada no governo de Dilma Rousseff. A maior parte da pesquisa feita na Embrapa com foco em Matopiba, porém, não visa a poupar água. Dos 73 projetos de pesquisa e transferência de tecnologia em execução, a maior parte (59% do orçamento) é destinada ao melhoramento genético, especialmente da soja. Balbino Evangelista, do Centro Nacional de Pesquisa em Pesca, Aquicultura e Sistemas Agrícolas da Embrapa Palmas, reconhece que a pesquisa para fomentar o uso racional da água não é prioridade na região, mas ressalta que é preciso contextualizar seu uso pelo setor:

- A agricultura irrigada desperdiça água? Sim. Mas temos que nos lembrar que 95% de tudo o que é produzido no país são produzidos com água da chuva, a chamada agricultura de sequeiro. Somente os 5% restantes usam a irrigação.

No Oeste da Bahia, onde há vastas plantações de soja, milho e algodão, o uso da irrigação é recorrente. No condomínio Santa Carmem, em Barreiras, a técnica é empregada em 15% dos 4.600 hectares de terra. Os pivôs centrais - grandes estruturas de irrigação - são ligados das 21h às 6h entre os meses de março e outubro, o período seco. Em meados do ano passado, foi instituído o Dia do Rio: toda quarta-feira não é permitido captar água para irrigação. Mas a nova regra de nada adiantou.

**VEJA AINDA:** [Na Bahia, cidade de Lapão afunda de tanto cavar poços](#)

[No Lago de Sobradinho, o mar virou sertão](#)

[Um passeio pelo Rio São](#)

- Ligamos os pivôs na terça mais cedo e na quinta também. Planta precisa de uma quantidade mínima de água para viver. Se ela não for irrigada, vai murchar e morrer. O que aconteceu foi que a conta de luz dobrou, porque a tarifa de eletricidade de dia é mais alta que a da noite - diz Rodrigo Missio, coordenador de produção do condomínio Santa Carmem. - De fato é preciso ter mais racionalidade. Mas se tivermos que pagar por algo, que paguemos pela água, não pela energia.

No Brasil, 20% da área irrigada são destinadas à cana, 25% ao arroz e 55% a grãos como soja, milho e feijão. Há diferentes métodos de irrigação, alguns mais eficientes que outros. O problema é que um dos mais eficientes, como o gotejamento, é caro. Por isso, é geralmente usado em culturas com valor agregado maior, como frutas. Não seria viável em plantações com os grãos que são campeões de exportação, como a soja, diz Marcos Vinícius Folegathi, pesquisador da [Esalq/USP](#). Por isso, ele defende a cobrança da água como forma de racionalizar seu uso, a melhoria na gestão das bacias hidrográficas e a preservação das matas ciliares.

**CONFIRA AINDA:** [Brasil tem um conflito por água a cada dois dias](#)

[Acervo: Após a Rio-92, ONU cria o Dia Mundial da Água](#)

- Para produzir alimento precisamos de muita água. Isso é assim no mundo inteiro. E temos água suficiente para irrigar as plantações sem afetar a demanda de outros segmentos da economia ou o consumo humano. Tudo é uma questão de gerenciamento, e a cobrança da água faz parte dessa gestão - afirma Folegathi.

Nelson Ananias, coordenador de sustentabilidade da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), diz que não é contra a cobrança da água, mas alerta que é preciso calibrar bem o preço deste recurso, para não inviabilizar a produção. Segundo ele, numa lavoura irrigada eficiente, a água representa 20% do custo final do produto - incluindo os gastos com a infraestrutura necessária para sua captação.

- Não somos contra a cobrança, desde que ela não inviabilize o negócio. Em anos com menos chuva, quando a irrigação é mais usada, ela poderá retirar nossa competitividade - diz Ananias.

